

ESCOLA, ABRE-TE PARA A PROBLEMATIZAÇÃO DAS RELAÇÕES RACIALIZADAS!

SCHOOL, OPEN ITSELF UP TO THE PROBLEMATIZATION OF RACIALIZED RELATIONS!

¡ESCUELA, ABRETE A LA PROBLEMATIZACIÓN DE LAS RELACIONES RACIALIZADAS!

Andrelize Schabo Ferreira de Assis

Instituto Federal de Rondônia

andrelizeschabo@gmail.com

Kátia Sebastiana Carvalho dos Santos Farias

Universidade Federal de Rondônia

katiafarias@unir.br

RESUMO

Este artigo discute a partir das práticas memorialísticas de seis estudantes que ingressaram por cotas para negros em uma instituição pública da Amazônia Brasileira questões raciais que culminam na necessidade de uma abordagem educacional crítica e antirracista. Articuladas às narrativas desses estudantes, mobilizamos por meio dos jogos de cenas autores e teorias que nos auxiliam a compreender a importância de práticas pedagógicas contra-hegemônicas que permitam desnaturalizar a dominação do discurso racista e excludente voltado para o multiculturalismo bom-mocista, que mantém intactas as bases racializadas e segregacionistas da sociedade brasileira. A atitude teórico-metodológica assumida nessa pesquisa advém da desconstrução proposta por Jacques Derrida e da terapia filosófica proposta por Ludwig Wittgenstein, por meio de jogos ficcionais de cenas, sendo que os encadeamentos discursivos foram realizados por meio de citações e enxertia. Com base nessa pesquisa, compreende-se que é necessário repensar as práticas em sala de aula, abrindo a escola para a problematização das questões relacionadas à temática racial.

Palavras-chaves: Estudantes cotistas negros. Educação Antirracista. Jogos ficcionais de cenas.

ABSTRACT

This article discusses from the memorialistic practices of six students who joined by black quotas in a public institution in the Brazilian Amazon racial issues that culminate in the need for a critical and anti-racist educational approach. Articulated to the narratives of these students, we mobilize through the games of scenes authors and theories that help us understand the importance of counter-hegemonic pedagogical practices that allow us to denaturalize the domination of racist and exclusionary discourse focused on the hypocritical multiculturalism, which keeps intact the racialized and segregationist foundations of Brazilian society. The theoretical-methodological attitude assumed in the research stems from the deconstruction proposed by Jacques Derrida and the philosophical therapy proposed by Ludwig Wittgenstein, through fictional games of scenes, and the discursive threads were performed through quotations and grafts. Based on this research, it is

understood that it is necessary to rethink classroom practices, opening the school to problematize questions related to racial issues.

Keywords: Black quota students. Anti-racist education. Fictional games of scenes.

RESUMEN

Este artículo analiza las prácticas memorialísticas de seis estudiantes que fueron admitidos a través de cuotas para negros en una institución pública de la Amazonia brasileña cuestiones raciales que culminan en la necesidad de un enfoque educativo crítico y antirracista. Articulados a las narrativas de estos estudiantes, nos movilizamos a través del juego de escenas de autores y teorías que nos ayudan a comprender la importancia de las prácticas pedagógicas contrahegemónicas que nos permiten desnaturalizar el dominio del discurso racista y excluyente centrado en el multiculturalismo hipócrita, que mantiene intactas las bases racializadas y segregacionistas de la sociedad brasileña. La actitud teórico-metodológica asumida en la investigación proviene de la deconstrucción propuesta por Jacques Derrida y la terapia filosófica propuesta por Ludwig Wittgenstein, a través de juegos de escenas ficticias, y los hilos discursivos se realizaron a través de citas e injertos. Con base en esta investigación, se entiende que es necesario repensar las prácticas en el aula, abriendo la escuela para problematizar cuestiones relacionadas con el tema racial.

Palabras clave: Estudiantes de cuota negra. Educación antirracista. Juegos de escenas ficticias.

Cena 1- Para começo de conversa...

Por que o que é colocado em questão é precisamente a busca por um começo correto, um ponto de partida absoluto, uma responsabilidade principal.

Jacques Derrida (1991, p. 37)

Figura 1 – Ilustração¹ digital que problematiza a condição dos negros no contexto educacional brasileiro atual.



¹ Ilustrações são entendidas nesta pesquisa sob uma perspectiva wittgensteiniana como jogos de linguagem que possuem entre si semelhanças de família, mas jamais poderemos dizer que há um elemento essencial que caracterize todos eles. Nas palavras de Wittgenstein “[...] na prática do uso

Fonte: Bea Navarro (2019).

Conforme o Estatuto da Igualdade Racial (Lei nº. 12.288, de 20 de julho de 2010), considera-se como população negra “o conjunto de pessoas que se autodeclaram pretas e pardas, conforme o quesito de cor ou raça usado pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ou que adotam autodefinição análoga”. Os estudantes que participaram dessa pesquisa são cotistas que adentraram em um curso superior de uma instituição pública localizada na Amazônia Brasileira por meio de cotas raciais, que possuem porcentagem calculada de acordo com o último censo do IBGE (Lei nº. 12.711, de 29 de agosto de 2012).

Essas cotas também podem ser consideradas sociais e raciais, pois são voltadas para estudantes que cursaram o nível de ensino anterior ao pretendido integral e exclusivamente na rede pública de ensino (com a reserva de metade das vagas para estudantes que possuem renda *per capita* menor que um salário mínimo). Dito isso, esclarecemos também que os nomes dos estudantes foram trocados por nomes de personagens super-heróis negros para preservar sua identidade e como forma de homenageá-los, dentre outros motivos, relacionados ao lugar social e identidade que esses estudantes performam na vida cotidiana e dentro do espaço educativo, pela ação de romper barreiras ao compartilhar conosco sobre suas trajetórias, sonhos e perspectivas de vidas.

Pesquisas produzidas pelo IBGE apontam que o Brasil é um país desigual em que os negros sofrem mais com o desemprego, têm os menores salários e são a maioria na composição da população carcerária devido às condições as quais estão submetidos. Destacamos uma pesquisa recente do Instituto que trouxe a notícia de que o número de negros em 2018 que frequentam o ensino superior público corresponde a 50,3% dos estudantes, ou seja, apesar de maioria, como bem destacou a pesquisa Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil, os negros ainda estão subrepresentados uma vez que a população negra corresponde a 55,8% da população brasileira. Com esse panorama, e lembrando que o Brasil foi o último país da América Ocidental a abolir a escravidão, urge a necessidade de estudos sobre a população negra em todos os espaços, especialmente nos ambientes educacionais, pois é preciso saber quais as condições que esses estudantes possuem para finalizar o curso com êxito e quais suas demandas. Muitas vezes, infelizmente:

Falar de racismo, opressão de gênero, é visto geralmente como algo chato, “mimimi” ou outras formas de deslegitimação. A tomada de consciência sobre o que significa desestabilizar a norma hegemônica é vista como inapropriada ou agressiva porque aí se está confrontando poder (RIBEIRO, 2017, p. 79).

Durante a pesquisa de mestrado intitulada *Não pense, mas olhe! Os cotistas negros*² sentimos essa resistência, pois há pessoas envolvidas no processo educacional que simplesmente não acreditam que exista racismo no Brasil e argumentam que o país é uma

da linguagem, uma parte grita as palavras, a outra age de acordo com elas [...] chamarei de ‘jogos de linguagem’ também a totalidade formada pela linguagem e pelas atividades com as quais ela vem entrelaçada” (WITTGENSTEIN, 2014, p. 18-19). Assim, ao trazermos ilustrações para o texto, propomos uma alternativa às formas rígidas e homogêneas de se pensar e fazer pesquisa acadêmica. “Aqui, o observador de tais imagens deve permitir seu corpo todo acionar os rastros gerados pelas foto-grafias concebidas como um processo gerador de significações a-temporais, descontínuas, situadas, contingenciais, a-espaciais, infinitas, imprevisíveis, mutantes” (TAMAYO, 2019, p. 77).

² Assis (2019).

democracia racial em que os negros possuem as mesmas oportunidades que os brancos. Essa afirmação contraria as estatísticas oficiais que apontam a grande desigualdade racial no Brasil, além de ignorar o contexto histórico brasileiro marcado por mais de três séculos de escravidão. Como nos mostra Djamila Ribeiro (2017), ao tratarmos sobre a temática racial precisamos combater não somente o racismo como também o achismo, pois existem muitos mitos que tentam invisibilizar e deslegitimar essa pauta tão urgente, tais como o mito da meritocracia, o mito da democracia racial e tantos outros que não param de adquirir novas roupagens.

Denominamos esse momento do artigo de um “começo de conversa”. No entanto, não existe nesta narrativa nem fim e nem começo, mas textos tecidos, dobras, entrelaçamento de diferentes fios, linhas de significado ou de força, o que Jacques Derrida chamada de abertura de “Différance”, o “feixe”. Entendemos com esse filósofo, acerca da epígrafe acima, que não existe ponto de partida justificável para razões a serem explicadas.

Mas se não existe começo justificável, e alguém deve começar somente por convenção ou hábito, como aquilo que pré-existe ou pré-data qualquer “verdadeiro” começo, então nós estamos já a caminho de um sistema de uma lei que dita como procedemos. Pois, todo começo, traçado e assombrado por aquilo que está diante dele, e que, embora invisível e aparentemente mudo, é aquilo ao qual nós, portanto, respondemos, e do qual partimos através do mito ou ficção de um início, um começo, uma abertura, um incipit – como se alguém pudesse iniciar do zero. Ainda assim, alguma coisa se torna esse sistema, essa lei e a estrutura de ambos possíveis. Nós vamos chamar isso de *différance* (WOLFREYS, 2009, p. 740).

Para a elaboração das cenas desse artigo nos inspiramos na desconstrução proposta por Jacques Derrida e na terapia filosófica proposta por Ludwig Wittgenstein, sendo que os encadeamentos discursivos ocorreram por meio de citações e enxertias. Como nos mostra Farias e Moura (2019) “O enxerto é a própria figura da intervenção. A prática da enxertia textual opera ‘[...] explorando a iterabilidade da língua, sua capacidade de funcionar em novos contextos com nova força’.” (FARIAS; MOURA, 2019, p. 89). Nessa visão, construímos essa cena “introdutória” por um jogo de cena entre dois personagens espectrais³, Capitão Pátria⁴, criticando a temática da pesquisa, Dr^a. Ribeiro⁵, representando falas do

³ “O espectral aqui nos remete à produção de efeitos de sentido produzidos por outros efeitos de outros efeitos de sentido nos usos da linguagem feitos por todos os atores – mortos ou vivos, com os quais dialogamos presencialmente ou não – que participam de nosso jogo ficcional de cenas” (TAMAYO-OSORIO, 2017, p. 17).

⁴ As falas desse personagem ficcional são inspiradas em discursos públicos disponíveis na internet proferidos por membros do sistema político brasileiro. O nome “Capitão-Pátria” é inspirado no personagem Capitão Pátria dos quadrinhos “The Boys”, de Garth Ennis e Darick Robertson. Poderoso, imaturo e narcisista, ele é uma espécie de herói corrompido por seus poderes.

⁵ As falas dessa personagem ficcional são inspiradas em discursos do movimento negro. O nome “Dr^a. Ribeiro” é inspirado na escritora Djamila Ribeiro, filósofa, feminista e acadêmica brasileira que possui diversas obras voltadas para a problematização do racismo no Brasil.

movimento negro, e Witt⁶, defendendo e explicando o aforismo wittgensteiniano “Não pense, mas olhe!”.

CAPITÃO-PÁTRIA — (Falando alto) Vejo que a essência da Lei de Cotas, fruto da política esquerdista do Lula e da Dilma⁷, não faz o menor sentido no Brasil dos novos tempos! Sugiro que você não pense e não incomode com essas questões sobre os diferentes.

DR^a. RIBEIRO — (Comenta indignada) “Por sermos vistos como diferentes e por essa diferença ser considerada problemática, ficamos de fora das estruturas de poder. Esse é o racismo estrutural, institucional, acadêmico, do dia a dia etc”⁸. Capitão-Pátria, você precisa se conscientizar do poder do seu discurso e de que ele legitima comportamentos e práticas racistas...

WITT — (Voltando-se ao Capitão-Pátria) “Não pense, mas olhe!”⁹ é uma crítica ao essencialismo, ou seja, a primazia da essência sobre a existência. Capitão-Pátria, não “pense”, mas “olhe”, no sentido de não tentar explicar, pois a essência não é dada pelos objetos, mas pelo uso dos jogos de linguagens. Os jogos envolvem todo o contexto e são abertos¹⁰, por isso devemos evitar essa inclinação por “dar razões” a algo.

CAPITÃO-PÁTRIA — (Visivelmente agitado) Essa sua preocupação com as minorias é inútil. “Vamos fazer o Brasil para as majorias, as minorias têm que se curvar às majorias. [...] As minorias que se adequem ou simplesmente desapareçam”¹¹. Qual o problema com o que vem sendo dito por mim? Liberdade de expressão, meus caros!

DR^a. RIBEIRO — (Com expressão triste) Desapareçam? Isso parece um projeto mesmo! “Segundo dados da Anistia Internacional, dos 30 mil jovens vítimas de homicídio por ano, 77% são negros. O movimento negro vem denunciando faz tempo o que chama de extermínio da juventude negra”¹². “A morte de negros já está tão naturalizada que as pessoas agem como se fosse normal, o que acaba sendo mesmo num Estado racista”¹³.

WITT — (Ironicamente) Liberdade de expressão, Capitão-Pátria? Em que sentido você usa a palavra liberdade? Para subjugar as minorias? As palavras só têm significado dentro dos

⁶ O personagem é inspirado em Ludwig Wittgenstein, um dos principais autores da virada linguística na filosofia do século XX, movimento que apontou para os estudos das relações entre filosofia e linguagem.

⁷ Durante os dois mandatos de Luiz Inácio Lula da Silva (Lula) e durante o mandato de Dilma Rousseff, as políticas inclusivas criadas durante o governo de Fernando Henrique Cardoso (FHC) foram ampliadas.

⁸ Ribeiro (2018, p. 112).

⁹ O aforismo 66 “Não pense, mas olhe!” presente na obra *Investigações Filosóficas* de Ludwig Wittgenstein mostra que não há algo em comum a todas as situações, por isso também não há algo em comum a todos os cotistas negros, por exemplo. Há semelhanças, parentescos, que surgem e desaparecem no jogo. No *Livro Azul*, Wittgenstein afirma que “temos uma tendência muito forte para pensar que existem coisas que se ocultam, coisas que vemos do exterior, mas não podemos penetrar. E, contudo, nada disso acontece. [...] Todos os fatos que nos interessam encontram-se expostos diante de nós” (WITTEGENSTEIN, 2018, p. 29), por isso o aforismo “Não pense, mas olhe!”.

¹⁰ Não significa, com isso, que tudo é válido nos jogos ou que a gramática é solta “[...] regras contingentes são regras de uso determinado pela prática da linguagem, e não devemos confundi-las com a ausência de regularidade, com uma completa indeterminação do significado” (DIAS, 2000, p. 51).

¹¹ Trecho de fala proferida por um político brasileiro em evento realizado na Paraíba em fevereiro de 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CAchA1Pev2g>>. Acesso em: 15 set. 2019, às 21h.

¹² Ribeiro (2018, p. 102).

¹³ Ribeiro (2018, p. 103).

jogos de linguagem, o que você chama de liberdade de expressão tem, sob o meu olhar, o significado de desrespeito e autoritarismo.

CAPITÃO-PÁTRIA — (Levanta-se) Estou cansado é desse controle sobre o pensamento das pessoas. “Todos nós somos iguais perante a lei. Eu não entraria em um avião pilotado por um cotista, nem aceitaria ser operado por um médico cotista”¹⁴.

DR^a. RIBEIRO — (Interrompe) Essa sua afirmação é muito racista, e digo mais: “Ninguém fala em racismo por ser gostoso ou por não ter mais nada para fazer na vida. Ninguém gosta de bater na mesma tecla, mas a sociedade não dá outra opção. Mesmo um alienígena que tivesse chegado ontem e dado uma olhada bem rápida teria notado o racismo latente na sociedade”¹⁵.

CAPITÃO-PÁTRIA — (Gesticulando com as mãos) Não é racismo, mas cada coisa em seu lugar! Além disso, quando falamos de questões de gênero eu sou categórico, tudo bem definido: “[...] meninos vestem azul e meninas vestem rosa”¹⁶.

WITT — (Explica calmamente) É inútil tentar definir algo, a própria linguagem não permite isso, tente compreender o mundo ao seu redor e suas diferenças, essa ânsia de generalidade¹⁷ é que causa tantos problemas. “A definição pretende eliminar a vagueza da linguagem. Mas a compreensão é vaga, isto é, a gramática da compreensão não depende de uma garantia estabelecida pela definição. A compreensão é autônoma. A ‘essência’ da compreensão está na gramática e, portanto, não diz respeito a nenhuma essência comum externa à execução da linguagem. A definição retém o ‘algo comum’ das palavras e, com isso, distorce o conceito de compreensão”¹⁸.

CAPITÃO-PÁTRIA — (Contrariado) De qualquer forma, nem todos são chamados à Universidade mesmo. É uma bobagem democratizar a universidade facilitando o acesso por cotas, pois “[...] as universidades devem ficar reservadas para uma elite intelectual”¹⁹.

DR^a. RIBEIRO — (Fala com propriedade e retira-se do ambiente) Sabe o que eu percebo dessa sua fala? Que “[...] branco não é uma cor, é uma afirmação política, assim como o negro. Representa uma história de privilégios, escravatura, colonialismo, uma realidade

¹⁴ Trecho de fala proferida por um político brasileiro em entrevista a um Programa de TV em março de 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9T5ZSAO1MVg>>. Acesso em: 16 set. 2019, às 11h.

¹⁵ Ribeiro (2018, p. 102).

¹⁶ Trecho de fala proferida por uma política brasileira durante sua posse no dia 02 de janeiro de 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6myjru-e81U>>. Acesso em 15 set. 2019, às 22h.

¹⁷ A ânsia por determinar o sentido através de um processo mental extralinguístico é uma ilusão gramatical, pois as definições de cada palavra são intermináveis. “Em vez de *desejo de generalidade*, poderia ter também se referido à *atitude de desprezo para com o caso particular*. Se, por exemplo, alguém tenta explicar o conceito de número e nos diz que uma determinada definição não é o suficiente ou é grosseira porque apenas se aplica, por exemplo, a números finitos, eu responder-lhe-ia que o simples fato de ele ter sido capaz de apresentar uma tal definição limitada torna esta definição extremamente importante para nós. [...] A ideia de que para tornar claro o sentido de um termo geral era necessário descobrir o elemento comum a todas as suas aplicações, estorvou a investigação filosófica, não só porque não conduziu a qualquer resultado, mas também porque levou a que filósofos rejeitassem como irrelevantes os casos concretos, os únicos que poderiam tê-los ajudado a compreenderem o uso do termo geral” (WITTGENSTEIN, 2018, p. 47-49, grifo do autor).

¹⁸ Hebeche (2003, p. 5).

¹⁹ Trecho de fala proferida por um político brasileiro em entrevista concedida a um jornal publicado no dia 28/01/2019. Disponível em <<https://revistaforum.com.br/politica/universidades-devem-ficar-reservadas-para-uma-elite-intelectual-diz-ministro-da-educacao/>>. Acesso em: 05 set. 2019, às 20h.

cotidiana. A mudança começa pela autodefinição e pela importância disso. É necessário desmistificar essa hierarquia”²⁰.

WITT — (Provocativo) Lembrei-me da “metáfora da pomba de Kant contra o dogmatismo da metafísica: a pomba crê que quanto mais alto subir, mais fácil será voar, no entanto, quanto mais rarefeita se torna a atmosfera, mais difícil se torna voar”²¹. Para o negro, ingressar em instituições de ensino por cotas raciais não significa privilégios ou facilidades, ele ainda precisa se impor em um espaço hegemonicamente branco e com pessoas como você, Capitão-Pátria, dispostas a tornarem o ar tóxico e...

CAPITÃO-PÁTRIA — (Interrompe sarcasticamente) Como eu? Como eles mesmos! “Já fui num quilombo e o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada! Eu acho que nem pra procriador serve mais. Mais de R\$ 1 bilhão por ano é gastado com eles”²². Você não diz para aceitarmos o mundo como ele é? Pois então...

WITT — (Reflexivo) “Aprendi uma enorme quantidade de coisas e aceitei-as na base de autoridade de homens; depois achei que algumas dessas coisas se confirmavam e outras não, de acordo com a minha própria experiência”²³. Espero sinceramente que você também veja que suas certezas não se confirmam, Capitão-Pátria...

Outras palavras: lugar de fala

Entendemos, assim como Djamila Ribeiro (2017, p. 86), que “[...] todas as pessoas possuem lugar de fala, pois estamos falando de localização social. E, a partir disso, é possível debater sobre os mais variados temas presentes na sociedade”. A autora afirma que todos os grupos podem e devem discutir questões raciais, porém falarão de lugares distintos, por isso, neste texto, os jogos de cenas também são constituídos pelos discursos dos estudantes cotistas negros na perspectiva de quem legitimamente pode responder sobre sua experiência em um contexto social meritocrático que nega cotidianamente os processos históricos caracterizados por violentas desigualdades e exclusões.

Se já estou fora de diversos espaços, um aliado veria a importância da minha fala sobre esses problemas que me afligem em vez de querer falar por mim. É necessário usar seu espaço de privilégio para dar espaços a grupos que não o têm, até porque esse privilégio foi construído em cima das costas de quem foi e é historicamente discriminado (RIBEIRO, 2018, p. 83).

Ainda segundo a autora, “pensar no lugar de fala seria romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia, muito bem definida por Derrida como violenta” (2017, p. 90). O termo lugar de fala é muito utilizado na atualidade, mas cabe lembrar que diferentes movimentos, como os feministas, por exemplo, partem dessa reivindicação/problematização em seus marcos iniciais nas lutas por igualdade, evidenciando que as mulheres precisam falar por si mesmas,

²⁰ Ribeiro (2018, p. 110).

²¹ Hebeche (2003, p. 26).

²² Trecho de fala proferida por um político brasileiro em palestra no Clube Hebraica (03/04/2017). Disponível em <<https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/bolsonaro-quilombola-nao-serve-nem-para-procriar/>>. Acesso em: 01 set. 2019, às 20h.

²³ Wittgenstein (1969, p. 57).

sem intermediadores. Como abordou a Prof^ª. Dr^ª. Josélia Gomes Neves²⁴, podemos lembrar de Olympe de Gouges (1791), francesa que propôs a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã e uma evidente reação à Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, resultante da Revolução Francesa. O lema Liberdade, Igualdade, Fraternidade não contemplava as mulheres. Nesse sentido, a autora explica:

Neste período, surge no cenário das lutas a favor de uma sociedade democrática, uma figura especial, a francesa Olympe de Gouges, que em 1791, lançou a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã. Corajosamente afirmava que se a mulher tem o direito de subir no cadafalso, ela deve poder subir também à tribuna. O preço por tanta ousadia foi alto: Olympe foi condenada à morte e submetida à guilhotina em 1793 por ter querido ser homem. As associações feministas francesas foram fechadas e o Código Napoleônico legitimou o casamento civil e subordinou a mulher ao marido. Há uma movimentação muito grande atualmente, por parte das entidades sociais no sentido de se promover uma revisão na Declaração dos Direitos do Homem para que contemple a perspectiva de gênero, incluindo as propostas já defendidas por Olympe de Gouges desde 1791 (NEVES, 2003, p. 4).

Nessa mesma época, a inglesa Mary Wollstonecraft publicou o livro *Uma reivindicação dos direitos da Mulher*. Essas leituras impulsionaram o movimento sufragista na Europa, EUA e aqui no Brasil (1932) com trabalhos de várias mulheres, dentre as quais, a cientista e ativista política Bertha Lutz e a publicação de Nísia Floresta: *Direitos das Mulheres e Injustiça dos homens*. Esses trabalhos têm em comum a exigência da fala/narrativa como direito; mas essas temáticas passam por múltiplos e permanentes deslocamentos, como informa H. Bhabha em *O local da cultura*.

Apesar de atualmente o conceito de raça não se relacionar mais ao conceito biológico do século XVIII, a ideia das raças ainda opera ideologicamente na modernidade, criando sujeitos racializados e justificando há décadas configurações de submissão a padrões de poder coloniais. “Uma imagem mantinha-nos prisioneiros. E não podíamos escapar, pois ela residia em nossa linguagem, e esta parecia repeti-la para nós, inexoravelmente” (WITTGENSTEIN, 2014, p. 72). Essa “imagem” criada pela invenção das raças se fixou e naturalizou. No entanto, acredito que podemos dela escapar ao romper com essa repetição através da criticidade. Nesse sentido, raça é um termo que:

[...] foi ressignificado pelo Movimento Negro que, em várias situações o utiliza com um sentido político e de valorização do legado deixado pelos africanos. É importante, também, explicar que o emprego do termo étnico, na expressão étnico-racial, serve para marcar que essas relações tensas devidas a diferenças na cor da pele e traços fisionômicos o são também devido à raiz cultural plantada na ancestralidade africana, que difere em visão de mundo, valores e princípios das de origem indígena, européia e asiática (BRASIL, 2004, p. 13).

Como aponta Munanga (2004), grande parte dos pesquisadores brasileiros que estudam as relações raciais e étnicas utilizam com frequência o conceito de raça. O termo ainda é utilizado, não mais erroneamente no sentido biológico, mas sim para explicar o racismo, “[...] na medida em que este fenômeno continua a se basear na crença da existência das raças hierarquizadas, raças fictícias ainda resistentes nas representações mentais e no

²⁴ Professora do PPGEEProf/UNIR, na ocasião da banca de qualificação de uma das autoras.

imaginário coletivo de todos os povos e sociedades contemporâneas” (MUNANGA, 2004, p. 13). Nesse mesmo sentido, Guimarães (2002, p. 50) afirma:

Repito aqui a posição que tenho adotado: ‘raça’ é não apenas uma categoria política necessária para organizar a resistência ao racismo no Brasil, mas é também categoria analítica indispensável: a única que revela que as discriminações e desigualdades que a noção brasileira de “cor” enseja são efetivamente raciais e não apenas de ‘classe’.

No Brasil, a prática do racismo é crime previsto na Constituição Federal (1988), art. 5º, inciso XLII, que estabelece que “a prática de racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei”. No entanto, o tema é complexo e ainda existem práticas racistas dentro e fora do contexto escolar que precisam ser problematizadas na escola, pois “se a educação sozinha, não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.” (FREIRE, 2000, p. 67). São práticas aprendidas e, como afirma Nelson Mandela (2012, p. 817):

Ninguém nasce a odiar outra pessoa por causa da cor da sua pele, da classe social ou da religião. As pessoas são ensinadas a odiar, mas se conseguem aprender o ódio também é possível ensinar-lhes o amor, porque o amor é mais inerente por natureza ao coração humano do que o seu oposto.

Dessa forma, os processos de escolarização precisam ser corajosamente reorganizados e reorientados para a problematização intercultural crítica, procurando superar a interculturalidade assumida como elemento funcional para perpetuar a colonialidade²⁵ nas suas diferentes manifestações²⁶. Nesse sentido, trago o pensamento de Miguel (2015), de que os processos de escolarização precisam conviver com a diversidade e preparar para diversidade e mesmo para adversidades. A escola deve abrir-se para a problematização do mundo, isto é, de todos os campos de atividade humana, de todas as *formas de vida* e de todas as práticas culturais.

²⁵ Há uma diferença importante entre colonialismo e colonialidade, pois: “O colonialismo denota uma relação política e econômica, na qual a soberania de um povo está no poder de outro povo ou nação, o que constitui a referida nação em um império. Diferente desta ideia, a colonialidade se refere a um padrão de poder que emergiu como resultado do colonialismo moderno, mas em vez de estar limitado a uma relação formal de poder entre dois povos ou nações, se relaciona à forma como o trabalho, o conhecimento, a autoridade e as relações intersubjetivas se articulam entre si através do mercado capitalista mundial e da ideia de raça. Assim, apesar do colonialismo preceder a colonialidade, a colonialidade sobrevive ao colonialismo. Ela se mantém viva em textos didáticos, nos critérios para o bom trabalho acadêmico, na cultura, no sentido comum, na autoimagem dos povos, nas aspirações dos sujeitos e em muitos outros aspectos de nossa experiência moderna. Neste sentido, respiramos a colonialidade na modernidade cotidianamente” (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 131).

²⁶ “Enquanto no interculturalismo funcional busca-se promover o diálogo e a tolerância sem tocar as causas da assimetria social e cultural hoje vigentes, no interculturalismo crítico busca-se suprimi-las por métodos políticos não violentos” (TUBINO, 2005, p. 8).

VIXEN²⁷ — (Olhando para o alto, tentando lembrar) No sentido de aceitar os diferentes, saber tolerar, etc... Tivemos uma disciplina obrigatória, acho que era no quinto período, chamada Qualidade do Atendimento no Serviço Público, ela tratou um pouco do racismo e tudo mais, mas mais voltado para aceitar, tolerar, respeitar etc...

PESQUISADORA — (Problematiza) “Essa história de aceitar a diferença pode estar carregando uma boa dose de tolerância benigna, de ‘bom-mocismo’, de ‘bom-samaritanismo’, posturas éticas que, como sabemos, são conservadoras e servem para encobrir e, por isso, reforçar e perpetuar a própria desigualdade”²⁸.

LUKE CAGE²⁹ — (Problematiza, franzindo a testa) Tenho pensado sobre como esse discurso é funcional e perigoso, bem lobo em pele de cordeiro. Você é levado a pensar que está fazendo algo bom, mas está reforçando uma suposta superioridade, onde o superior tolera o inferior.

PESQUISADORA — (Olhando para Vixen) Eu observei que na ementa dessa disciplina, Vixen, consta a questão da Identidade e Diferença, mas nas referências básicas e complementares não há nenhuma obra sobre a temática... Acaba dependendo muito da abordagem do professor.

PANTERA NEGRA³⁰ — (Comenta, concordando com a cabeça) Pois é, e cada turma teve aula com um professor diferente. Eu sei que essa disciplina é dos professores graduados em Administração. Acho importante discutir mais essa temática na instituição, já deu de reproduzir um discurso que não colabora em nada... Nem sei se tem outra disciplina no curso que aborde as questões da identidade...

PESQUISADORA — (Mexendo em suas anotações) Pelo que eu vi, só tem “Identidade e Diferença” na ementa dessa disciplina obrigatória, mas tem uma disciplina optativa chamada “Multiculturalismo e Direitos Humanos” que aborda a temática também, mas aí depende se ela será eleita ou não pelos estudantes...

²⁷ Nome inspirado na heroína negra Vixen, personagem da DC Comics, *top model* e super-heroína africana que possui superpoderes de origem divina que se manifestam quando ela entra em contato com o Tantu Totem, objeto mágico dado aos seus antepassados pelo deus africano Anansi e que dá a capacidade de Vixen usar as habilidades de qualquer animal. A estudante concedeu entrevista a mim no dia 19 de fevereiro de 2019 e ingressou na instituição por cotas para autodeclarados pretos e pardos com renda familiar bruta *per capita* igual ou inferior a 1,5 salário mínimo e que cursaram integralmente o ensino médio em escolas públicas (Lei n.º 12.711/2012).

²⁸ Veiga-Neto (2003, p. 212).

²⁹ Nome inspirado em Luke Cage, personagem da Marvel Comics, rapaz negro que foi preso injustamente e na prisão, devido a experimentos científicos feitos em seu corpo, se tornou o herói da pele inquebrável. Sua história em quadrinhos apresenta algumas tensões políticas da comunidade negra nos Estados Unidos da América (EUA) por meio da luta do herói contra corruptos e gangues. O estudante concedeu entrevista a mim no dia 21 de fevereiro de 2019 e ingressou na instituição por cotas para autodeclarados pretos e pardos com renda familiar bruta *per capita* igual ou inferior a 1,5 salário mínimo e que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas (Lei n.º 12.711/2012).

³⁰ Nome inspirado no herói negro Pantera Negra, personagem da Marvel Comics, cuja identidade secreta é a de T’Challa, Rei de Wakanda (reino fictício da África), que pode subverter as relações econômicas e, portanto, de colonialismo mundiais. O estudante concedeu entrevista a mim no dia 18 de fevereiro de 2019 e ingressou na instituição por cotas para autodeclarados pretos e pardos com renda familiar bruta *per capita* igual ou inferior a 1,5 salário mínimo e que cursaram integralmente o ensino médio em escolas públicas (Lei n.º 12.711/2012).

TEMPESTADE³¹ — (Propõe) Olha, seria interessante falar com os professores também. Talvez propor estratégias para o trabalho com a identidade e a diferença nessas disciplinas. Acho que seria bem legal para desmistificar alguns conceitos. O que vocês acham pessoal? (Todos concordam)

PESQUISADORA — (Pensativa) Estou encaminhando a pesquisa para isso, pois percebi que os fatores que dificultam a jornada de vocês são multifacetados, porém, quando se trata da abordagem das questões raciais, há a necessidade de um trabalho voltado para as diferenças com base em uma interculturalidade crítica³².

LANTERNA VERDE³³ — (Interrompe e pede atenção) Pesquisadora, deixa eu te mostrar aqui a maior dificuldade que eu tive para concluir o curso. (Mostra o celular com uma foto dele dormindo na sala) Muito cansaço! Heróis também se cansam! Voltar a estudar depois vinte anos longe da sala de aula é um baque: matérias novas, um mundo diferente. Tive dificuldade para me adaptar no início, até porque eu trabalho de plantão, muitas vezes precisei faltar aulas para trabalhar e depois não conseguia acompanhar mais os conteúdos. Só que eu fui da primeira turma, de 2013.1, então foi tudo diferente.

PESQUISADORA — (Franzindo a testa) Como assim diferente? Sua turma foi uma das que mais formou estudantes... A que você deve esse fato?

LANTERNA VERDE — (Responde prontamente) Sem dúvida aos professores e à equipe do curso! Vou contar uma situação para você ter uma ideia de como os professores agiam com a gente: uma professora do curso sentou comigo e revisou todo o assunto porque ela sabia que eu tinha perdido muitas aulas por conta dos plantões do meu trabalho. A nossa turma era muito carente, a gente via que alguns colegas não conseguiam nem lanchar no intervalo. Os professores tiveram muita sensibilidade com a gente, houve uma parceria muito bacana.

TEMPESTADE — (Toma a palavra) Realmente, eu sou da mesma turma que o Lanterna Verde e posso confirmar isso. Como a nossa era a primeira turma do curso, os professores e a equipe técnica queriam muito que o curso fosse um sucesso, então eles se empenharam muito para isso. Nossa turma tinha muitos estudantes negros e de baixa renda também, que realmente possuíam dificuldades... Os professores cobravam muito, eram firmes, mas davam condições para a gente aprender. Eles falavam “vocês serão agentes públicos e vão lidar com a vida das pessoas”. Olha que interessante, um olhar totalmente humano.

PESQUISADORA — (Sorrindo) Isso mostra o quanto os professores e sua atuação em sala de aula impacta a jornada dos estudantes. Agora quero que os concluintes respondam: o que os mantiveram firmes no curso até o final?

³¹ Nome inspirado em Tempestade, uma das principais heroínas negras da Marvel Comics, filha de uma princesa tribal do Quênia e descendente de uma antiga linha de feiticeiras africanas que dominam elementos relacionados ao tempo, possui papel de liderança no grupo dos X-Men. A estudante concedeu entrevista a mim no dia 17 de fevereiro de 2019 e ingressou na instituição por cotas para autodeclarados pretos e pardos com renda familiar bruta *per capita* igual ou inferior a 1,5 salário mínimo e que cursaram integralmente o ensino médio em escolas públicas (Lei n.º 12.711/2012).

³² “A interculturalidade crítica parte do problema do poder, seu padrão de racialização e da diferença (colonial, não simplesmente cultural) que foi construída em função disso.” (WALSH, 2009, p. 21).

³³ Nome inspirado em Lanterna Verde (personagem da DC Comics), super-herói que possui um anel considerado a arma mais poderosa da galáxia e tem a missão de zelar pela manutenção da paz entre as galáxias. O estudante concedeu entrevista a mim no dia 23 de fevereiro de 2019 e ingressou na instituição por cotas para autodeclarados pretos e pardos com renda familiar bruta *per capita* superior a 1,5 salário mínimo e que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas (Lei n.º 12.711/2012).

LANTERNA VERDE — (Responde com segurança) Relacionamento! Se a gente não tiver um relacionamento, um incentivo dos colegas, dos professores e da equipe técnica, fica muito difícil continuar no curso. Não é me levar para dentro da sua casa, mas é importante que os professores sejam sensíveis, humanos, saibam lidar com o diferente. Eu tive isso na minha época, os professores eram abertos, nos ouviam, auxiliavam, mas ao mesmo tempo cobravam.

TEMPESTADE — (Concordando a cabeça) Verdade, não são somente programas de permanência que ajudam os estudantes, os professores também são fundamentais. A abordagem deles em sala de aula pode, de certo modo, nos incentivar ou desestimular. Para mim, eles foram importantes demais.

LANTERNA VERDE — (Concorda) Para mim também foi fundamental, eu devo muito a eles!

BLADE³⁴ — (Pondera, pensativo) Olha, os professores também incentivavam a minha turma (2014.1), mas não houve um trabalho como o desenvolvido com a primeira turma. Inclusive tivemos problemas com dois professores, porque eles chegaram impondo autoridade e fomos resistentes, veio até um pessoal da Diretoria e da Psicologia falar com a gente para amenizar a situação.

PESQUISADORA — (Pergunta novamente) E o trabalho com a diferença em sala?

BLADE — (Expressão de dúvida) Nem lembro se teve algo relacionado...

PESQUISADORA — (Voltando-se aos estudantes) Dos 19 estudantes que responderam o questionário inicial, apenas um disse que sofreu discriminação no ambiente escolar, mas não relacionada à cor da pele e sim ao fato de ser cotista. Como foi com vocês?

TEMPESTADE — (Concordando com a cabeça) É isso mesmo, lá é um espaço em que a convivência de forma geral é boa, se acontece racismo é de forma muito “velada”, como em toda a sociedade. A dificuldade que o cotista enfrenta por parte da instituição é só a burocracia de comprovar a renda, mas no demais somos tratados igualmente.

BLADE — (Balançando os pés) É verdade, mas sempre rola uma piadinha sim, mas nada demais. Com o tempo gente aprende a não ligar, sabe?! Alguns até entram na “brincadeira”. Eu sou mais caladão, não gosto de falar desse assunto e parecer vitimista. Fico quieto.

LANTERNA VERDE — (Pensa um pouco e responde) Eu também nunca sofri com discriminação racial na instituição, mas o racismo existe, sabemos disso e precisamos discutir esse assunto em todos os setores... É que é um racismo diferente, velado... Mas cruel e desumanizador como todo racismo.

PANTERA NEGRA — (Olhando para o Lanterna Verde) Concordo com você, Lanterna Verde. Em outros países tem uma segregação mais nítida, a exemplo do Apartheid, mas no Brasil é diferente³⁵.

TEMPESTADE — (Retoma a sugestão) Por isso sugeri conversar com os professores sobre o trabalho com a diferença, eles são formadores de opinião. O herói negro tem garra, prova disso é que desistimos menos do curso que os demais alunos, mas isso não tira a necessidade

³⁴ Nome inspirado no herói negro da Marvel Comics, Blade, que age como caçador de vampiros e é dotado dos poderes tradicionais dos vampiros, porém sem suas fraquezas. O estudante concedeu entrevista a mim no dia 18 de fevereiro de 2019 e ingressou na instituição por cotas para autodeclarados pretos e pardos com renda familiar bruta *per capita* igual ou inferior a 1,5 salário mínimo e que cursaram integralmente o ensino médio em escolas públicas (Lei n.º 12.711/2012).

³⁵ Nesse sentido, Freyre (2002) afirma que em outros contextos houve uma segregação racial mais explícita (como no *Apartheid* dos Estados Unidos), porém no Brasil predominaram os mitos da miscigenação e da democracia racial, cruéis para os descendentes de escravos e que perpetuam ainda hoje a ideia de que não há racismo no Brasil.

de lutar por uma representação digna. Ver as diferenças, as raças como invenção social é o primeiro passo contra o racismo que enfrentamos e que até naturalizamos (por isso o negamos).

Algumas Considerações

A propagação nos contextos educacionais do multiculturalismo *bom-mocista*, onde se prega que se deve “tolerar” os diferentes, atua de modo a conservar e até mesmo reforçar a hierarquização em que o superior tolera o inferior e não contribui para a desconstrução de práticas racistas. É preciso ir além e compreender o conceito de raça desde sua formação em diferentes tempos e espaços até o seu papel na sociedade atual, pois, muito mais do que respeitar as diferenças, é necessário compreendê-las em seus diferentes aspectos e celebrá-las por trazerem consigo múltiplos saberes e pontos de vista, que enriquecem a sala de aula, decolonizando o saber. Como nos mostra Catherine Walsh:

Suprimir la “s” y nombrar “decolonial” no es promover un anglicismo. Por el contrario, es marcar una distinción con el significado en castellano del “des”. No pretendemos simplemente desarmar, deshacer o revertir lo colonial; es decir, pasar de un momento colonial a un no colonial, como que fuera posible que sus patrones y huellas desistan de existir. La intención, más bien, es señalar y provocar un posicionamiento – una postura y actitud continua – de transgredir, intervenir, in-surgir e incidir. Lo decolonial denota, entonces, un camino de lucha continuo en el cual podemos identificar, visibilizar y alentar “lugares” de exterioridad y construcciones alternativas (WALSH, 2009b, p. 14-15).

Nesse sentido, enquanto educadores, precisamos em nossa atuação envolver os estudantes criticamente com um olhar voltado para a formação da estrutura racializada da sociedade brasileira, mobilizando-os a compreender desde as raízes históricas da formação da identidade a partir de quem detinha o poder de defini-la, até a operacionalidade das raças na atualidade, a partir de sua colonialidade e ficcionalidade, e também sobre como o conceito raça vem se transformando ao longo das décadas e se ressignificando. Atuar de forma antirracista vai muito além do multiculturalismo bom-mocista, como nos mostra Veiga-Neto “[...] essa história de aceitar a diferença pode estar carregando uma boa dose de tolerância benigna, de "bom-mocismo", de "bom-samaritanismo", posturas éticas que, como sabemos, são conservadoras e servem para encobrir e, por isso, reforçar e perpetuar a própria desigualdade” (VEIGA-NETO, 2003, p. 212).

Essa crítica foi mobilizada inicialmente por um dos estudantes participantes da pesquisa, que considera a abordagem sobre a temática racial realizada na instituição em que ele estuda “benevolente e acrítica”. Essas palavras trouxeram à tona uma ampla discussão sobre a urgência de práticas contra-hegemônicas que desnaturalizem práticas racistas e processos de injustiças, opressões e exclusões sociais no Brasil, país que foi fundado no mito da democracia racial e na mestiçagem, conceitos utilizados ainda hoje como argumento para discursos equivocados que dificultam a compreensão por parte de algumas pessoas de que há práticas racistas em nossa sociedade. Muito diferente do sonho de Martin Luther King Jr. de que as pessoas não fossem julgadas pela cor da sua pele, mas pelo seu caráter, esse daltonismo brasileiro é hipócrita, pois se nega a existência do racismo, no entanto, ele continua operando na sociedade. Nesse sentido, “[...] a mestiçagem de fato configurou tipos

físicos mais plurais, porém isso não impede a operacionalização [...] do juntos, mas diferentes, que aparentemente organiza as relações sociais em nosso país” (SILVÉRIO, 2002, p. 91).

Essas práticas estão tão impregnadas na sociedade que, inclusive, se dissolvem na vida cotidiana e assumem facetas espectrais e camaleônicas. Na última fala de Blade, por exemplo, ele expressa citações sobre o fato de ser cotista, que podem ser compreendidas como modos de diferenciá-lo no contexto e destacar se está ocupando aquele lugar na instituição escolar por mérito e por direito. Esses movimentos podem ser compreendidos como violência simbólica que até mesmo ele deixou de ver e aceitou, interiorizando como sendo “brincadeira”, que é um modo do racismo, a discriminação e o preconceito serem aligeirados, tornados leves, naturalizados. É como elucida Fanon: “o racista numa cultura com racismo é por esta razão normal. Ele atingiu a perfeita harmonia entre relações econômicas e ideologia” (NASCIMENTO, 1978, p. 85).

Por isso, a educação antirracista é extremamente importante, pois permite a discussão de forma crítica sobre a formação da identidade, o ponto a partir do qual houve a marcação das diferenças, a formação e a transformação das raças, bem como a profunda desmistificação da hierarquização entre elas. Além de promover a abertura da escola para o verdadeiro debate entre diferentes saberes, práticas e culturas sem a hierarquização entre eles, encaminhando a sociedade para um caminho mais justo, humanizador e inclusivo. Em resumo, muito mais do que o tolerar, acreditamos que é necessário compreender criticamente esse contexto, debatendo o racismo e atuando de forma antirracista em todos os espaços, algo que se mostrou vivo nas falas dos alunos cotistas negros participantes da pesquisa. A questão racial é uma temática muito profunda e complexa para ser abordada de forma simplista e reducionista nos ambientes escolares.

Referências

ASSIS, Andrelize Schabo Ferreira de. **Não pense, mas olhe!** Os cotistas negros. Porto Velho. 167f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Escolar). Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2019.

BRASIL. Decreto n.º 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: SECAD/ME, 2004.

_____. Lei n.º. 12.288, de 20 de julho de 2010. Institui o **Estatuto da Igualdade Racial** e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF.

DIAS, Maria Clara. **Kant e Wittgenstein: os limites da linguagem**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

FARIAS, Kátia Sebastiana Carvalho dos Santos; MOURA, Anna Regina Lanner. Formação de professores de matemática na Amazônia: jogos de cenas desenham construções criativas com Wittgenstein, Derrida e Nietzsche. **Imagens da Educação**, v. 9, n. 2, p. 78-92, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. 1 ed. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. 46 ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio A. **Classes, raça e democracia**. São Paulo: Editora 34, 2002.

HEBECHE, Luiz Alberto. Não pense, veja! Sobre a noção de semelhanças de família em Wittgenstein. **Veritas** (Porto Alegre), Porto Alegre, v. 48, p. 31-58, 2003.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2016**. IBGE, 2016. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/habitacao/17270-pnad-continua.html>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

_____. **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil**. IBGE, 2019. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf>. Acesso em 06 jan. 2019.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramon (Orgs.). **El giro decolonial**: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 127-167.

MANDELA, Nelson. **Um longo caminho para a liberdade**. Tradução Victor Antunes. São Paulo, SP: Planeta, 2012.

MIGUEL, Antonio. Exercícios descolonizadores a título de prefácio: isto não é um prefácio e nem um título. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de et al. (Orgs.). **Infâncias e Pós-Colonialismo**: pesquisas em busca de Pedagogias descolonizadoras. Campinas, SP, 2015. p. 25-54.

MUSTAPHA, Chérif. **O islã e o Ocidente**: um encontro com Jacques Derrida. Tradução Roberto Said. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Niterói: Eduff, 2004.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**: um processo de racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NEVES, Josélia Gomes. **Representações de Gênero em casa Grande e Senzala**. Presença, Porto Velho, v. 4, n.-, p. 46-82, 2003.

OLIVEIRA, Erival da Silva; PEIXOTO, Paulo Henrique Lêdo. **Comentários ao Estatuto da Igualdade Racial (Lei n.º 12.288/10)**. São Paulo: ACJ. 2012.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

_____. **Quem tem medo do Feminismo Negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SARTRE, Jean-Paul. **Reflexões sobre o racismo.** São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1968 [1948].

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira.** 1 ed. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SILVÉRIO, V. R. Sons negros com ruídos brancos. In: SEYFERTH, Giralda et al. **Racismo no Brasil.** São Paulo: Petrópolis, ABONG, 2002. p. 89-104.

TAMAYO-OSORIO, Carolina. A colonialidade do saber: Um olhar desde a Educação Matemática. **Revista Latinoamericana de Etnomatemática**, v. 10, n. 3, p. 39-58, 2017.

_____. **Vení, vamos hamacar el mundo, hasta que te asustes: uma terapia do desejo de escolarização moderna.** Campinas. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP, 2017.

TUBINO, Fidel. La interculturalidad crítica como proyecto ético-político. In: Encuentro continental de educadores agustinos, 1., 2005, Lima. **Anais...** Disponível em: <http://oala.villanova.edu/congresos/educación/lima-ponen-02.html>. Acesso em: 02 set. 2019.

VEIGA-NETO, Alfredo. Faces da diferença. [Entrevista cedida a] Gilka Girandello. **Pontos de Vista**, Florianópolis, n. 05, p. 207-216, 2003.

_____. Cultura, culturas e educação. **Revista Brasileira de Educação** [online]. n. 23, p. 5-15, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a01>>. Acesso em: 06 jan. 2020.

WALSH, Catherine. **Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: In-Surgir, Re-Existir e Re-Viver.** Equador, 2009a.

_____. **Interculturalidad, Estado, Sociedad: Luchas (de)coloniales de nuestra época.** Universidad Andina Simón Bolívar, Ediciones Abya-Yala., Quito, 2009b.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Notebooks**, 1914-1916. Oxford: Blackwell, 1961.

_____. **O Livro Azul.** Tradução Jorge Mendes. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2018.

_____. **Da Certeza.** Tradução Maria Elisa Costa. Lisboa: Edições 70, 1969.

WOLFREYS, Julian. **Compreender Derrida.** Tradução Caesar Souza. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

Andrelize Schabo Ferreira de Assis

Instituto Federal de Rondônia

E-mail: andrelizeschabo@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4273-3857>

Kátia Sebastiana Carvalho dos Santos Farias

Universidade Federal de Rondônia

E-mail: katiafarias@unir.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5646-8604>